

Da responsabilidade: entre e sobre relações lesbianas

Breve texto sobre o resgate da agência, a retirada do olhar hetero sobre as lésbicas e alguns fatores decorrentes da opressão das mesmas que atravessam suas relações.

por daniela soares

A liberdade na filosofia cristã sempre foi posta como parte constitutiva da natureza humana, não se conquista ou adquire a liberdade mediante esforços externos, pois é ela mesma parte de nossa natureza. Ela já aparece anteriormente à criação dos humanos – na rebelião de alguns anjos, que mais tarde seriam chamados de demônios. Assim, sempre somos livres para escolher. Adão e Eva escolherem ir contra as ordens de Deus, porque eram livres para isso – nessa perspectiva, os Pais fundadores não atribuem a responsabilidade de seus atos à serpente que os persuadiu, a culpa fora deles de se deixarem serem persuadidos. Nietzsche martela os cristãos por sempre colocarem a culpa em si, da mesma forma que em uma passagem de *O Crepúsculo dos Ídolos*, ele fuzila com suas palavras os anarquistas – por colocarem sempre a culpa[ii] no outro. Não há culpa, portanto, não há culpados, apresentará o filósofo alemão.

Quando Agostinho[ii] argumenta no livro *A Cidade de Deus*, que a liberdade foi dada aos humanos como parte constitutiva de suas naturezas, ele estava rebatendo de forma explícita aos seus velhos companheiros – os maniqueus. Para estes últimos, a liberdade, a escolha, não tinha espaço para a narração de mundo que faziam. Existem duas substâncias em guerra, falam os maniqueístas: uma boa e outra má, o mundo é composto da substância má, onde há partículas de luzes (substância boa) presas, assim, nossas condutas não são pautadas pelas nossas escolhas, mas ao estarmos sob o controle de uma destas substâncias, nessa perspectiva o *kósmos* é visto como uma espécie de cárcere, onde partículas de luzes estão encerradas. Matéria, corpo e paixões são maus. O mal é uma substância, é uma coisa. Se cometo uma violência, não posso ser culpado, não há responsabilidade, assim como não há mérito pelas minhas ações, apenas ajo de acordo com as forças que no momento me controlam. Na Grécia antiga não existia nenhuma concepção de liberdade, o mais próximo de uma abordagem desta é com Platão no *Mito de Er* iii . É Agostinho que inaugura a liberdade e é ela mesma compreendida como direito natural que será – assim como a felicidade e a propriedade – defendida como direito a ser assegurado pelo Estado na política liberalista clássica.

Agora, perguntar-se, o que falaram de liberdade as feministas? Se para os cristãos o problema enfrentado fora explicar como, é possível a existência do mal em um mundo que é bom criado por um Deus bom, as feministas se deparam com um problema de uma ordem quase não distinta: como há liberdade onde somos oprimidas? Beauvoir (1949) afirma que o opressor não seria tão forte, caso não houvesse cúmplices entre os oprimidos. Mary Daly (1985) concorda em certo sentido, quando diz que exploração do *sistema de castas sexuais* não existiria sem o consentimento das vítimas e dos opressores, apesar de dizer que este consentimento é dado através da socialização dos papéis sexuais.

A pergunta *como há liberdade onde somos oprimidas* só faz sentido se se entende que a opressão pode acarretar na retirada da agência dos indivíduos que se encontram em situação de opressão. Mas retira a agência enquanto um todo ou em relação a algo? Ambas as perguntas são armadilhas que nós fazemos entender que os indivíduos

submetidos a uma opressão, não tem liberdade ou pouca liberdade, isto é, *a possibilidade de ação e/ou escolha*. A todo o momento estamos fazendo escolhas, sejam aquelas que mantêm paradigmas ou que se postem como resistência aos paradigmas. Porém, é comum que se entenda que escolhas que são realizadas para a manutenção de paradigmas não são escolhas *genuínas*, pois se fossem tais não estariam a favor da manutenção destes, o que resulta nesse raciocínio que só se escolhe o que é contrário às normas. O que não se entende no pensamento citado é que as normas nunca são colocadas de forma determinante, o agente precisa consentir a ela para sua perpetuação. Butler (2007) a respeito do gênero traz à luz que os estudos feministas que postulam o gênero como uma construção, colocam-no como um determinante cultural, o destino deixa de ser biológico para ser cultural. O que a filósofa americana diz é que os indivíduos nunca são totalmente homem ou mulher, mas ela também não diz que eles não sejam de forma alguma homem ou mulher, apenas que não o são de forma determinada como se deixa entender o argumento da construção cultural.

Colocado isto, podemos compreender que a possibilidade de ação e/ou escolha nós faz responsáveis. Não somos indivíduos determinados pelas relações às quais estamos entrelaçados. No que concerne então ao tema da violência – neste caso, entre lésbicas, já demos um passo ao resgatar a agência.

O tema da violência entre lésbicas quase que de forma compulsória nos leva a dois equívocos, o primeiro ao querer falar do tema nos mesmos moldes que cercam a violência masculina contras as mulheres, o que coloca as lésbicas sempre referidas diante do patriarcado e das relações heterossexuais e nunca dentro de seus próprios moldes – as relações lesbianas. O segundo equívoco é ao tentar compreender as influências que permitem as violências entre lésbicas, colocar o indivíduo que cometeu a violência como uma espécie de marionete das relações sociais, ausente de agência e, portanto, de responsabilidade. Gostaria de tratar de forma minuciosa acerca destes dois equívocos para traçar, ao menos, um caminho digno às análises das relações lésbicas.

DESDE QUANDO SÃO AS LÉSBICAS MULHERES?

O primeiro equívoco – de referir sempre as lésbicas diante do patriarcado e às relações heterossexuais – é reflexo de se entender que as *homossexuais femininas* são mulheres da mesma forma que o são as hetero/bissexuais e que seja o próprio patriarcado a oprimi-las e que todas suas ações devem ser postuladas a partir destas duas instâncias, o patriarcado e as relações heterossexuais.

O grande passo à frente foi dado por Monique Wittig (1935-2003) por ter falado dos sexos como categorias, “homem” e “mulher”, categorias políticas que se fazem sempre uma em relação à outra, não há mulher sem homem e homem sem mulher. E foi a mesma que disse que as lésbicas não eram mulheres nem homens, pois, superavam essa dicotomia das categorias. Para Wittig (2006), as lésbicas são escravas fugitivas da classe de mulheres. Butler até chega a comentar que a autora francesa fala das lésbicas como um “terceiro sexo”. O erro de Wittig, assim como de Adrienne Rich, foi ter colocado as lesbianas como ameaça ao patriarcado, entendendo que este tinha por essência a heterossexualidade, assim o regime heterossexual (Wittig) ou a heterossexualidade compulsória (Rich) agem da mesma forma tanto para lésbicas quanto para as mulheres, o que resulta a entender que, ser resistente ao patriarcado é por essência ser à heterossexualidade, fixando a lésbica como o agente revolucionário feminista *por excelência*.

Cheshire Cahlhoun (1994) nos direciona a outro caminho. A autora fala da separação da teoria feminista da teoria lésbica, pois, no final das contas, a junção entre estas se torna apenas feminista, assim como o casamento entre o feminismo e o marxismo se torna apenas marxismo. A mesma dificuldade que marxistas têm de compreenderem que há uma instituição específica para oprimir as mulheres – o patriarcado, que não se reduz ao capitalismo, as feministas – a exemplo das citadas acima, têm dificuldades de compreender a heterossexualidade enquanto instituição à parte do patriarcado, que não se reduz ao último. Instituição esta que privilegia tanto homens quanto mulheres, pois, as mulheres não são oprimidas pela heterossexualidade (!) mas pelo patriarcado. Isto pode conduzir a um desconforto já que a tendência sempre fora reduzir a opressão das mulheres a sexualidade (heterossexual) e das lésbicas se entenderem como mulheres da mesma forma que as não-lésbicas.

A categoria de mulher só tem sentido no pensamento e no sistema econômico heterossexuais, diz Wittig (2006), de modo que, “Se nós, lésbicas e gays, continuamos a falar de nós, concebendo-nos como mulheres e homens, contribuimos na manutenção da heterossexualidade[iv]” (WITTIG, 2006, p. 54). Cahlhoun (1994, p. 566) nos demonstra outras formas que as lésbicas escapam da categoria de mulher. Ela diz que a relação das feministas com esta categoria é a experiência de ser mulher em uma sociedade de dominância masculina (assim como racista) onde há uma imposição sobre elas do que significa ser mulher, a qual elas rejeitam. A recusa das feministas de ser mulher é uma recusa apenas de ser um tipo de mulher que a sociedade patriarcal e racista demanda. Essa não é a relação das lésbicas com esta categoria. No sistema heterossexual, os gêneros inteligíveis são aqueles que obedecem a uma continuidade entre sexo/gênero/desejo, os indivíduos que violam a anatomia reprodutiva, o desejo heterossexual e o comportamento de gênero, saem do domínio da inteligibilidade de gênero. Nem a anatomia, o desejo e o gênero direcionam às lésbicas à categoria de mulher. Na ideologia heterossexual a anatomia das lésbicas é posta em suspeita, como demonstra Calhoun (1994, p. 567):

Muito foi feito, por exemplo, na literatura dos sexologistas sobre a masculinidade física na lésbica, incluindo anotações de alargamento no clitóris. A postulação de base biológica para a homossexualidade e o lesbianismo continua a guiar pesquisas hoje. E a insistência de muitas lésbicas de terem nascido lésbicas reforça a suspeita sobre diferenças anatômicas em relação às mulheres heterossexuais. Em adição, sua (da lésbica) anatomia não pode direcioná-la à ‘mulher’, pois, o que o lesbianismo revela é a mentira fundamental que diferenças nas anatomias das mulheres e dos homens destinam diferenças nas relações sexuais e sociais às mulheres, isto é, destina alguém a ser funcionalmente um homem ou uma mulher[v].

Pelo fato das lésbicas estarem fora da categoria de mulher, isto faz com que sua experiência com a feminilidade e a natureza de sua opressão não seja idêntica a das mulheres. Colocar as lésbicas nesta categoria implica que suas experiências sejam as mesmas daquelas que o estão, o que não é o caso, assim, quando se trata da violência entre as lesbianas – principalmente no que diz respeito à violência doméstica, as lésbicas são colocadas nos lugares dos homens (no caso daquelas que cometem a violência) e as que sofreram a violência, no lugar da mulher heterossexual, além de quase sempre se olhar para os casais lésbicos sob o prisma da heterossexualidade a respeito de seus comportamentos, sempre a procurar quem é a ‘mulher’ e o ‘homem’ destas relações. O próprio sexo lésbico é posto em interrogação, já que este foge, assim como o sexo gay, da postulação de que relação sexual é sinônimo de relações heterossexuais. O que as lésbicas fazem não é sexo[vi].

Este primeiro equívoco é extremamente prejudicial às análises dos relacionamentos lesbianos e danoso a nossa comunidade. As lésbicas não estão no patriarcado da mesma forma que as mulheres. Ter que ser uma mulher é impossível para elas e opressivo – pois passaria pela negação de seu desejo sexual –, quando são femininas o são como *drags* e passar pela feminilidade é fingir que ‘mulher’ é uma possibilidade às lésbicas. As lésbicas são confundidas com mulheres (CALHOUN, 1994, p. 568). Até o momento, as teorias feministas foram capazes de discutir a respeito da violência dos homens contra as mulheres e criarem categorias para analisar e desafiar estas violências, mas estes debates são escassos para aquelas que não são mulheres, que desobedecem à continuidade de sexo/gênero/desejo.

O QUE VEM ANTES DA VIOLÊNCIA

Existe uma série de fatores que facilitam a existência de violências entre lésbicas e o que veremos é que esses fatores são ocasionados pela opressão por elas sofrida. Porém, neste caso, há um equívoco de outra ordem do primeiro, ao tentarmos entender o que gera estas violências, às vezes, passamos a justificá-las através das explicações que dão conta de elucidar como que ocorre a violência. Dar-se ao trabalho de entender o que facilita ou gera estas violências não pode ser o mesmo que retirar a agência dos indivíduos. Colocado isto, pouco há de se varrer para não cairmos nesse equívoco, portanto, este tópico apresenta alguns dos fatores que estão relacionados à produção de violências nas relações lésbicas.

Existe uma variedade de violências – física e psicológica, para falarmos de duas. Assim como é muito provável que haja violência a respeito da racialização em casais inter-raciais e com diferenças de classe. Alguns modelos de relacionamentos também podem causar conflitos em relação a estes dois itens quando eles não são devidamente objetos de atenção, e me refiro aqui aos relacionamentos não exclusivos. Porém, não se discuti aqui esse tema reduzido aos relacionamentos de ordem sexual, mas afetiva (entre amigas/colegas, por exemplo), como de ordem política também (militantes, ativistas). Há diversos fatores que facilitam a geração de violências nesses campos citados: *a exclusão social das lésbicas, a repressão de sua sexualidade, imagens negativas a respeito delas, o desconhecimento de modelos de relacionamentos lésbicos*. Cito estes quatro por acreditar que cada um deles traz consigo outros elementos.

(1) A exclusão social das lésbicas cria um ambiente de vulnerabilidade física e psicológica às mesmas e como isto pode afetar de forma mais extrema àquelas em classes de menor estabilidade financeira. São estas últimas que ocupam subempregos e que estão mais afastadas de determinadas instituições, como as de educação de nível superior. Geralmente, a exclusão social afeta os relacionamentos exclusivos que acabam gerando uma fusão do casal, onde elas se tornam um, afastando-se de todo o resto, criando a dependência entre elas e facilitando que violências sejam relevadas. **(2)** A repressão da sexualidade lésbica sofre com consequências da exclusão social, como, por exemplo, desinformações a respeito de sua sexualidade e o estigma da HIV que fora apresentada como uma “doença gay”, além da classificação do lesbianismo como doença. Assim como o desejo das lésbicas, como dos gays, é apresentado como desviante, como pecado, isto causará um conflito entre o desejo do indivíduo e as normas sociais a um nível desproporcional que poderá causar um nojo a si mesmo e às outras que possuem o mesmo desejo. **(3)** As imagens negativas são tanto aquelas produzidas pelo imaginário heterossexual àquelas produzidas como consequência dos itens acima: da lésbica-macho, predadora, vítima de uma patologia (a própria sexualidade), que tem medo e/ou nojo de homens, ou que são na verdade heterossexuais

traumatizadas por suas relações sexuais com os homens. (4) O desconhecimento de modelos de relacionamentos lésbicos geralmente leva às lésbicas a quererem firmar seus relacionamentos aos moldes heterossexuais – como se fosse possível. Este desconhecimento de modelos pode levar também a fuga dos relacionamentos exclusivos ou qualquer outro. A tentativa de firmar um relacionamento lésbico como se fosse heterossexual causa danos ao casal, pois elas não são ‘homem’ nem ‘mulher’. Esses fatores se entrelaçam e podem constituir uma rede destrutiva ao redor das lésbicas e de todas as suas relações sociais, que resulta na interiorização do antilesbianismo.

Nas relações entre amigas/colegas, sejam elas ativistas e/ou militantes, todos esses itens também interferem. Talvez, nos espaços políticos, o primeiro equívoco citado – de referir sempre as lésbicas diante do patriarcado e às relações heterossexuais, causam danos às análises, colocando as lésbicas em lugares que não pertencem sempre as enxergando a partir do ponto de vista heterossexual. As imagens negativas a respeito delas assim como a repressão da sexualidade lésbica, afeta o modo que vemos umas às outras, primeiro podendo ver na outra *o monstro desviante* ou *a predadora*– logo querendo exterminar/punir este indivíduo, pois não queremos nos ver nele, e também não nos reconhecendo como seres *desejantes*, cercando-nos de uma assexualidade.

O que se tentar realizar nestas breves divagações é abrir ainda mais, traçar de forma pesada e agressiva, o espaço para as discussões das relações lésbicas sem a cortina de fumaça e as sujeiras postas pelas análises feministas que estão a prejudicar nosso debate. Portanto, nesse sentido, a parte central se encontra no entendimento de que a heterossexualidade enquanto instituição está à parte do patriarcado, não se reduz a este, da mesma maneira que o patriarcado não se reduz ao capitalismo, como queiram os marxistas (assim como algumas feministas) reduzir a opressão das mulheres ao capital. Da mesma forma, a opressão das lésbicas não se reduz ao patriarcado e nem a heterossexualidade afeta as mulheres como afeta às lésbicas. A instituição da heterossexualidade afeta danosamente às lésbicas e os gays. Então retiremos este olhar sobre nós e comecemos a olhar-nos de um ponto de vista genuinamente lésbico. De modo que, *Da responsabilidade* não é somente nos resgatar como agentes, como também de sairmos desta armadilha feminista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BUTLER, Judith. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Barcelona: Paidós, 2007. Traducción: Antonia Muñoz.

CALHOUN, Cheshire. **Separating Lesbian Theory from Feminist Theory** In: Ethics, vol. 104, Issue 3, April, 1994.

DALY, Mary. **Beyond the God the Father: Toward a Philosophy of Women's Liberation**. Boston: Beacon Press, 1985.

FRYE, Marilyn. **Lesbian 'sex'** In: Lesbian Philosophies and cultures, Albany: State University of New York Press, Edited: Jeffner Allen, 1990, p.305-315.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Crepúsculo dos Ídolos ou a Filosofia a golpes de Martelo**. Curitiba: Hemus, 2001. Tradução: Edson Bini e Márcio Pugliesi.

RICH, Adrienne. **Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence** In: Signs, vol. 5, nº4, 1980. Disponível em [links.jstor.org/sici?sici=00979740%2819...](https://www.jstor.org/stable/3009797)

WATREMEZ, Vanessa. **Ampliação do quadro de análise feminista da violência doméstica masculina através do estudo da violência nas relações lesbianas** In:

Revista Labrys – Estudos Feministas, nº 1-1, Julho/Dezembro, 2002. Tradução: Tânia Navarro Swain. Disponível em www.labrys.net.br/labrys1_2/vanessa2.htm

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Madrid: Egales, 2006. Traducción: Javier Sáez y Paco Vidarte.

NOTAS:

[i] Nietzsche diz no aforismo 34 “ *Cristão e anarquista*. Quando o anarquista, como porta-voz das camadas sociais em decadência, reclama com ‘bela indignação’ o *direito, a justiça, a igualdade*, fala sob a pressão de sua incultura, que não sabe compreender que sua pobreza consiste... na pobreza de vida. Há nele um instinto de causalidade que o impele a discorrer assim: ‘Alguém deve ter culpa do meu mal-estar’. Essa ‘bela indignação’ lhe faz já um bem por si só, é um verdadeiro prazer para um pobre diabo poder injuriar, em que encontra uma certa embriaguez de poder. A queixa, o mero fato de queixar-se pode proporcionar à vida um atrativo que a torna suportável; em toda queixa há uma dose refinada de *vingança*, lança-se no rosto o próprio mal-estar e em alguns casos, até a baixeza como uma injustiça ou como um privilégio iníquo aos que se encontram em condições. ‘Já que sou um canalha, deves sê-lo também’; com esta lógica se fazem as revoluções. As lamentações jamais valem algo, procedem sempre da debilidade. Não há diferença essencial entre atribuir nosso próprio mal-estar aos demais, como faz o socialista, ou atribuí-lo a nós mesmos, como faz o cristão. Em ambos os casos, alguém deve ser culpável e o mais indigno é que o que padece prescreve a sua dor o mel da vingança. Os objetos dessa necessidade de vingança nascem, como os objetos das necessidades de prazer, de causas ocasionais; o que padece, encontra em todas as partes razões para refrescar seu ódio mesquinho; se é cristão, repito-o, as encontra em si mesmo. O cristão e o anarquista são decadentes. Quando o cristão condena, difama e enegrece o mundo, o faz levado pelo mesmo instinto que impele o operário a condenar, difamar e enegrecer a sociedade. O *Juízo* Final constitui o consolo da vingança; é a revolução, tal como o concebem os trabalhadores, só que para tempos mais remotos”.

[ii] Refiro-me à Parte II d’A Cidade de Deus, da Editora Vozes. Tradução de Oscar Paes Lemes.

iii O Mito de Er é narrado no livro *A República*, trata-se do relato transmitido por Er, o qual havia retornado do Hades. A passagem do mito que me refiro que se aproxima a possibilidade de escolha é quando modelos e lotes de vidas são dispostos para que as almas escolham, assim começando outro período de vida humana.

[iv] Tradução livre de “Si nosotros, las lesbianas y gays, continuamos diciéndonos, concibiéndonos como mujeres, como hombres, contribuimos al mantenimiento de la heterosexualidad”.

[v] Tradução livre de “Much was made, for example, in the sexologists’ literature of physical masculinity in the lesbian, including reports of an enlarged clitoris. The postulate of a biological basis of homosexuality and lesbianism continues to guide research today. And many lesbians’ insistence on having been born lesbian reinforces such suspicions about anatomical differences from heterosexual women. In addition, her anatomy cannot link her to ‘woman’ because what lesbianism reveals is the fundamental lie that differences in male and female anatomy destine a difference in males’ and females’ sexual and social relation to females, that is, destine one to be functionally a man or a woman”.

[vi] Marilyn Frye (1990) aborda isto no texto “Lesbian ‘sex’”. Se sexo é um termo inadequado para as experiências das lésbicas, como se aproximar ou nomear as ações sexuais que as lésbicas têm?